

Sob transfusão de sangue latino

Decreto de Roriz apóia o Flaac e inventa a Capital Cultural da América Latina

Divulgação

Vinte e quatro embaixadores e adidos culturais de países latino-americanos e do Caribe, artistas, intelectuais, a secretária de Cultura, Laís Aderne e o governador Joaquim Roriz assinaram na manhã de ontem um acordo de festa e criatividade: durante solenidade na residência oficial do GDF, em Águas Claras, eles decidiram transformar Brasília na Capital Cultural da América Latina. O primeiro passo será a publicação, hoje no Diário Oficial, de um decreto do governador Joaquim Roriz dando mais este título à cidade; o segundo passo é a promessa de fazer do **II Flaac** (Festival Latino-Americano de Arte e Cultura — de 4 a 13 de agosto) uma festa absolutamente inesquecível, onde não faltarão debates sócio-político-culturais e atrações artísticas dignas de superproduções.

Para se ter um idéia, a secretária de Cultura prometeu trazer nada menos que cerca de três mil grupos do exterior, nomes como Mercedes Sorsa, Fernando Solanas, Manuel Puig, Jimmy Cliff, Paralamas do Sucesso, UJB 40 e ainda outros nomes a serem divulgados por Laís Aderne em entrevista coletiva marcada para a próxima segunda-feira.

Vinte e quatro locais serão ocupados pelo **II Flaac** para promoções em artes plásticas, dança, teatro, música, debates, palestras, cinema, encontros literários etc. Dependências da UnB, as salas do Teatro Nacional, o Gran Circo Lar, o Museu de Arte de Brasília e o Centro de Convenções abrigarão o grosso da festa.

Herança

Para o governador Joaquim Roriz, a solenidade de ontem não deixou de ser uma ilha de confraternização e boas promessas em meio às greves que assolam a cidade (o movimento dos professores levou a polícia a praticar atos de violência e a prender líderes sindicais). Emocionado, Roriz discursou para assinar o decreto que transforma Brasília na **Capital da Cultura Latino-Americana**, enfatizando que "a cultura é a maior herança que podemos legar às novas gerações". Logo depois, foi perguntado mais uma vez sobre a questão da presença de Marlos Nobre à frente da Fundação Cultural, e também mais uma vez teve que repetir a resposta de que entendimentos estão sendo feitos.



Joaquim Roriz ao lado de Laís Aderne e representantes diplomáticos: capital por decreto

A mentira como herança

Geraldinho Vieira

Subeditor do Caderno 2

A cidade pode fazer um esforço e alienar-se de seu mais pobre período cultural para celebrar o apoio oficial e o projeto ousado do **II Flaac**. É um projeto bonito, embora a gente tenha que ficar torcendo muito para que todas as promessas se realizem. Se a metade for cumprido, a festa vai ser bonita e importante.

O governador Joaquim Roriz deu a Brasília o status de **Capital da Cultura da América Latina**. Puro decreto, muito bonito no discurso, muito bem intencionado. Uma mentira: Brasília é hoje a **Capital do Entulho Autoritário** na área cultural. Tem a maior parte de suas salas jogada às traças, não

tem dinheiro para reformá-las e os grupos de cultura não têm onde ensaiar, não recebem verbas e não conseguem se livrar da presença do maestro Marlos Nobre, que continua assinando como diretor executivo da Fundação Cultural, apesar de não comparecer ao emprego.

Há três semanas o Conselho Deliberativo da Fundação não se reúne, depois de enviar carta ao governador enfatizando a impossibilidade de trabalhar enquanto Marlos Nobre segurar a batuta. Da mesma maneira o governador não recebe o projeto que regulamenta a existência do Conselho de Cultura, ou pelo menos não o discute com seus executores. O Palácio do Buriti mantém um silêncio desrespeitoso sobre a questão Marlos Nobre enquanto o governador

discursa dizendo que "cultura é o maior legado que podemos deixar às novas gerações".

Brasília já foi a capital do Natal (mentira), do Rock (mentira) e agora é a Capital da Cultura (outra mentira).

A cidade corre o risco de fechar 88 com um único evento cultural, o Flaac, apesar dos compromissos do governo e da nova secretária de Cultura em rever o autoritarismo, as vaidades pessoais e a descontinuidade que sempre batucaram no terreiro cultural deste Planalto Central. Neste sentido, celebrar o Flaac é, infelizmente, retornar à falsa alegria de uma política de eventos. Artistas e intelectuais têm razões de sobra para passar a desacreditar de qualquer novo futuro que se sonhou abrir ainda neste governo.